

## “Inteligência feminina no trânsito: por que as habilidades emocionais das mulheres podem gerar um novo conceito de direção segura”.

**Autor:** Rodrigo Ramalho. Especialista em Inteligência Emocional, Educação e Segurança Viária. [www.peetransito.com](http://www.peetransito.com)

### Resumo

As diferenças entre os gêneros estão em análise neste artigo que tem o foco nas habilidades emocionais das mulheres para adaptação de comportamentos dos condutores em relação a uma nova realidade de conflitos e stress no trânsito do século XXI. O conceito de inteligência feminina no trânsito é apresentado para motivar o surgimento de ferramentas, argumentos e conceitos para um trânsito mais cooperativo e humano. Embora sejam mais adaptadas emocionalmente para o trânsito atual, as mulheres deverão cuidar para que seus medos e exigências não afetem seu desempenho, equilíbrio e resultados.

### Abstract

The gender differences are analyzed in this article that focuses on emotional skills of the women for adaptation to driver behavior in relation to a new reality of conflict and stress in the traffic of the XXI century. The concept of female intelligence in traffic is presented to motivate the arising of tools, concepts and arguments for a more cooperative and human traffic. Although they are more emotionally suited for the current transit, women should take care in order that their fears and demands do not affect their performance, balance and results.

### Introdução

As diferenças sexuais sempre foram valorizadas ao longo dos séculos pelos mais diferentes povos em todo o mundo. Em algumas culturas, principalmente na tradição judaico-cristã, a figura feminina foi associada ao pecado e à corrupção do homem, mito fundador do pecado e da desobediência. Curiosa, teimosa e pouco confiável, a mulher deu ouvidos à serpente e induziu o homem a comer o fruto proibido, desobedecendo a ordem de Deus e por sua causa todos os homens do mundo foram punidos. Contudo, ao longo do tempo, foi também associada a uma fragilidade maior que a colocou em uma situação de dependência e submissão à figura masculina. *"As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido como ao Senhor... Como, porém, a Igreja está sujeita a Cristo, assim também*

*as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido"* (Efésios 5:22,24). *"Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vosso próprio marido..."* (1 Pedro 3:1), o que deu origem aos modelos da cultura patriarcalista que conhecemos.

Na bíblia, encontramos muitos exemplos deste pensamento - principalmente porque foi escrita há 2000 anos e traz consigo os conceitos morais de toda uma geração. Uma época que os homens nem sequer conversavam com as mulheres, que eram consideradas seres demoníacos e que incitavam o pecado. No entanto, em outras religiões e no berço da civilização grega encontramos também outras menções à segregação das mulheres. Nas palavras de Sócrates: *"A Mulher é a grande fonte do caos e da ruptura no mundo. Ela é como a árvore de dafali cujo aspecto externo é extremamente belo, mas se os pássaros a comerem, morrerão com toda a certeza."*



Figura 1: A expulsão de Adão e Eva do paraíso. Autor: Hieronymus Bosch, 1500.

A lei do Hinduísmo diz: “Por uma moça, uma jovem mulher, ou até mesmo por uma idosa, nada deve ser feito independentemente, mesmo na sua própria casa. Na infância, uma fêmea deve ser submetida ao seu pai, na

juventude, ao seu marido e quando da morte do seu senhor, aos seus filhos; uma mulher nunca deve ser independente". Assim, esse modelo sugeria a tutela constante das mulheres ao longo de suas vidas pelos homens antes e depois do matrimônio. No Islã: *"Dize às fiéis que recatem os seus olhares, conservem os seus pudores e não mostrem os seus atributos, além dos que (normalmente) aparecem; que cubram o colo com seus véus e não mostrem os seus atributos"* (Alcorão Sagrado 24:31).

## O movimento feminista e as conquistas do século XXI

Após um longo período de opressão e discriminação, a transição do século XIX para o XX ficou marcada pelo movimento feminista. A frase *"Women's Liberation"* - Liberação das Mulheres - foi usada pela primeira vez nos Estados Unidos em 1964. Em 1968, embora o termo *Women's Liberation Front* - Frente de Liberação das Mulheres - já tivesse aparecido na revista *Ramparts* e passou a se referir a todo o movimento feminista. Outros eventos como os protestos feministas no concurso *Miss America* e a queima de sutiãs também deram força ao movimento. A maior representatividade política na luta pelos direitos das mulheres, dentre eles o direito ao voto, levou muitos anos. O voto feminino é um fenômeno também recente para a história do Brasil. Embora a proclamação da República tenha sido em 1889, foi somente em 1932 que as mulheres brasileiras puderam votar efetivamente.

Mesmo com alguns avanços, no século XX, as mulheres ainda sofriam as consequências do preconceito e do status de inferioridade. A partir do século XXI são nítidas as mudanças na relação entre homem e mulher bem como o papel de cada um na sociedade. Os limites que antes separavam mundos distintos têm-se desfeito, dando origem a uma uniformização de conceitos e criando uma nova estrutura familiar e social. A conquista da mulher por espaço no mercado de trabalho começou com a I e II Guerras Mundiais (1914-1918 e 1939-194), quando os homens foram para as frentes de batalha e as mulheres passaram a assumir os negócios da família e a posição dos homens no mercado de trabalho. Desde então, o crescimento dessa participação vem aumentando a cada década. Segundo a Síntese de Indicadores Sociais 2007, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de mulheres "chefes de família" cresceu 79% entre 1996 e 2006 no Brasil, passando de 10,3 milhões para 18,5 milhões nesse período, enquanto o número de homens chefes de família aumentou 25% nesses dez anos.

Se por um lado a sua participação nos postos de trabalho é gradual, por outro a desigualdade dos rendimentos não tem mudado muito, é sempre desigual em todo o mundo. As mulheres na União Europeia continuam a ganhar em média menos 16,4% do que os homens, segundo dados fornecidos pela Comissão Europeia no Dia Europeu da Igualdade Salarial. A pesquisa "Perfil Social da Mulher no Mercado de Trabalho" da Revista Exame relata que, é fato que haja maior presença da mulher nas empresas, mas elas estão menos satisfeitas do que seus colegas do sexo masculino, porque se sentem injustiçadas nas promoções e seus salários mais baixos.

Elas têm rendimentos mais baixos apesar de estarem, muitas vezes, mais preparadas. No que diz respeito à população alfabetizada por gênero, o Ceará é o primeiro estado do Nordeste em mulheres alfabetizadas com 83,79%, seguido da Bahia com 83,57% e do Rio Grande do Norte com 83,47%. O paradoxo reside na maior incidência de mulheres alfabetizadas, que ganham menos que os homens. No Ceará, 9,58% dos homens possuem rendimento médio mensal inferior a 1/4 do salário mínimo. Já entre as mulheres, esse percentual é de 20,21%. Um estudo feito na Universidade de Chicago com transexuais revelou numericamente essa diferença. Homens que mudam o sexo recebem um salário 32% menor do que antes da troca de sexo, no entanto, as mulheres que passam pela mesma situação têm um aumento de 1,5%.

Apesar de muitas conquistas, as mulheres ainda enfrentam discriminação nas instituições familiares, no trabalho e em toda a parte. As diferenças entre os homens são evidentes. Mas, a sociedade já percebeu que existem outras diferenças que podem levar as mulheres mais alto do que possam desejar. Primeiro, teremos que conhecê-las e depois entender como podem e vão alavancar a glória nas mais variadas atividades dos seres humanos do século XXI, incluindo no trânsito.

## Mulheres e homens: diferentes desde muito cedo

Vida de mulher não é para qualquer um. Se você é do sexo feminino, saiba que já é vitoriosa! Isto porque é muito mais comum um óvulo ser fecundado por um espermatozoide masculino do que por um feminino. A estimativa é que para cada concepção de 100 mulheres, 170 homens estejam sendo desenvolvidos. Portanto, a ideia de igualdade entre os sexos parece que já nasce fragilizada. Pelo menos, no plano genético e biológico, o número de concepções que variam entre os gêneros constitui-se só o começo.

Apesar de haver mais homens nascendo, são os que mais morrem na infância. Mesmo em países desenvolvidos, a mortalidade infantil é 22% maior para meninos que têm 50% de probabilidade de desenvolver problemas respiratórios a mais do que as meninas. A diferença é extravagante. Tanto, que os médicos costumam dizer que o maior fator de risco para bebês prematuros é seu gênero. Ou seja, há fortes argumentos para se acreditar que os homens é que são o sexo mais frágil desde que nascem.

### Diferenças no Cérebro e Comportamento

Graças ao desenvolvimento das imagens de ressonância magnética funcional no final do século XX, os neurocientistas conseguiram descobrir que existe uma série de diferenças nos cérebros de homens e mulheres. Estas descobertas na área da neuropsicologia indicam diferenças, principalmente quanto à linguagem. As mulheres utilizam os dois hemisférios cerebrais para essa atividade, enquanto os homens o esquerdo. Isso dá a elas uma vantagem: se ocorrer um derrame no lado esquerdo, ainda haverá alguma capacidade de linguagem no lado direito. Um estudo demonstrou que duas áreas nos lobos frontais e temporais relacionados à linguagem (conhecidos como áreas de Broca e Wernicke) são bem maiores nas mulheres, fornecendo assim um argumento psicobiológico para a notória superioridade das mulheres na linguagem. Os cientistas mediram os volumes de matéria cinzenta em diferentes regiões corticais de 17 mulheres e 43 homens. As mulheres apresentavam um volume 23% maior (na área de Broca, no córtex pré-frontal dorsolateral) e 13% maior (na área de Wernicke, no córtex temporal superior) do que os cérebros dos homens.

Anatomicamente, o cérebro das mulheres é aproximadamente 10% menor que o dos homens, mas possui maior número de conexões entre as células. Além disso, as mulheres são, em geral, mais emotivas e melhores para expressar sentimentos que os homens porque seu sistema límbico é mais desenvolvido. O sistema límbico abriga uma série de regiões e células responsáveis pelo comportamento emocional, onde inclusive o hipotálamo se situa. LeVay (1991) descobriu que o volume de algumas regiões do hipotálamo<sup>1</sup> é duas vezes maior em homens do que nas mulheres.

<sup>1</sup> Terceiro grupo de célula no núcleo intersticial do hipotálamo inferior.

Dr. Mirko Diksic da Universidade McGill realizou muitos estudos que apontam que o stress pós-traumático (trauma) é um distúrbio que parece agir de maneira diferente entre os sexos. A produção de serotonina é 52% maior em homens do que em mulheres. Isso pode ajudar a explicar por que elas estão mais sujeitas à depressão.

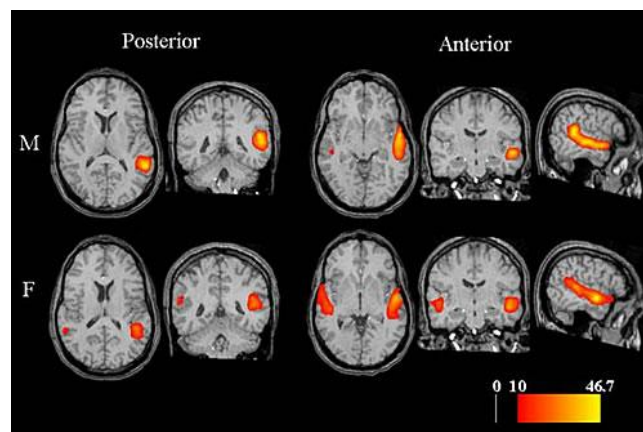


Figura 2: Diferenças no cérebro de homens e mulheres: as imagens M são dos homens e F das mulheres. As imagens demonstram que as mulheres utilizam áreas dos dois hemisférios para processar a linguagem, enquanto os homens somente utilizam do esquerdo. O hipocampo do cérebro feminino é mais avantajado. Fonte: Founder of Brainsex Matters.

### Diferenças na educação, pressões evolutivas e comportamento

Segundo Anne Moir da Universidade de Oxford, na Inglaterra, a diferença entre o cérebro dos dois gêneros tem raízes evolutivas. Durante o desenvolvimento dos seres humanos, o homem era o caçador, desenvolveu um cérebro com habilidades manuais, visuais e coordenação para construir ferramentas. Por isso, um cérebro masculino tem mais habilidades funcionais. Já as mulheres dedicavam-se mais a prática de preparar os alimentos e cuidavam dos mais novos. Elas tinham que entender as necessidades dos bebês, ler e entender a sua linguagem corporal e ajudá-los a sobreviver.

A abordagem etológica do estudo do recém-nascido propõe que a criança nasça com os equipamentos sensoriais, motor e de comunicação perfeitamente adaptados para o mundo. Sua sobrevivência, no entanto, depende da proteção, atenção e cuidados prestados pela mãe. Segundo Spitz (1979), são os sentimentos maternos que criam o "clima emocional" que confere ao bebê experiências vitais muito importantes "enriquecidas e caracterizadas pelo afeto materno".





Figura 3: Pressões ambientais e evolutivas contribuíram para determinadas características de comportamentos entre os gêneros. Fonte: [scientificamerican.com](http://scientificamerican.com)

Na saga da maternagem e sobrevivência, elas também tinham que se relacionar com as outras mulheres do grupo, dependiam disso para sobreviver na comunidade e dessa forma, desenvolveram um cérebro mais social e cooperativo. A vantagem das mulheres relativa às habilidades verbais também faz sentido na evolução. Enquanto os homens usavam a força corporal para competir, as mulheres usavam a linguagem para conquistar vantagens sociais através da argumentação e persuasão<sup>2</sup>. Os homens lidavam com um grupo de caçadores, não precisavam tanto uns dos outros e se comunicavam com menor frequência, apenas com sinais. Outros estudos com símios seguem na mesma direção. Shelley Taylor publicou um artigo que modificou o paradigma no estudo do estresse, mostrando que em fêmeas a adrenalina não agia sozinha na hora do perigo, mas era contrabalançada pela *ocitocina*, *neuropeptídeo* que está envolvido no comportamento afetivo e diversas pesquisas vêm comprovando este modelo proposto. Isto pode indicar que a evolução inclina as fêmeas a não fugir ou lutar, mas a cuidar de sua prole.

As diferenças entre os gêneros estão em diferentes planos e distinguem a forma como somos educados. Isto inclui os desafios e como os meninos aprendem a lidar com eles. Uma pesquisa realizada com bebês (de 11 meses) mostra como ocorre a criação dos pais que tratam de maneiras diferentes filhos e filhas. Nesse estudo, os bebês tinham que descer uma rampa inclinada, engatinhando. Os meninos e meninas conseguiram descê-la sem diferenças. Mas, quando o grau de dificuldade e da inclinação da

<sup>2</sup> BAILEY, D.; GEARY, D. Reflections on the human family. **Oxford Handbook of Evolutionary Family Psychology**. New York, 2011.

rampa era definido pelas mães, elas tendiam a expor mais os filhos a desafios maiores e poupavam mais as filhas - como se acreditassem que elas não seriam bem sucedidas nas tarefas complexas. Ou seja, a ideia de que mulheres são frágeis e homens são audaciosos pode ser estimulada pelos próprios pais. As formas distintas de educação em quaisquer dos planos é nociva ao desenvolvimento da criança. Outros autores sustentam que o *sexismo*<sup>3</sup> afeta o crescimento de meninos e meninas, inibindo muitas manifestações na infância e impedindo que se tornem seres completos Finco (2003), embora não só a aprendizagem social influencie o comportamento feminino.

Gerianne Alexander da Universidade A&M no Texas e Melissa Hines da Universidade de Londres utilizaram macacos *vervet* em seus experimentos para verificar a reação das fêmeas e dos machos quando expostos a objetos que são socialmente simbólicos para meninos e meninas. As pesquisadoras mostraram uma variedade de brinquedos para um grupo: caminhões, bonecas e outros itens neutros como livros ilustrados. Foi observado que os macacos machos passaram a maior parte do tempo brincando com “brinquedos de menino” do que as fêmeas.



Figura 4: Preferência de machos e fêmeas por brinquedos. Fonte: Jadva, Hines e Golombok (2010).

As fêmeas passaram mais tempo brincando com os objetos e brinquedos que as meninas geralmente preferem. Ambos os sexos passaram o mesmo tempo interagindo com os livros e com outros brinquedos neutros (unissex). Não é provável que os macacos *vervet* tenham sido influenciados pelas pressões sociais da cultura humana, os resultados podem significar que as tendências por certos

<sup>3</sup> Termo que se refere ao conjunto de ações e ideias que privilegiam determinado gênero em detrimento dos entes de outro gênero ou de orientação sexual.

brinquedos podem ser consequência das diferenças biológicas. No estudo, os machos, primatas e humanos preferem brinquedos que possam se locomover no espaço e que proporcionem “brincadeiras mais brutas”. As diferenças anatômicas do cérebro entre machos e fêmeas se originaram de pressões seletivas durante a evolução. Determinados comportamentos foram úteis para a caça ou para conseguir uma parceira. As fêmeas escolheram os brinquedos que lhes permitiam treinar as habilidades que deviam utilizar para criar sua prole.

### Diferenças no trânsito e habilidade

Segundo alguns autores como Stradling e Meadows (2000), os acidentes de trânsito são consequências da falta de habilidade por parte dos condutores. Conforme Wickens, Toplak e Wiesenthal (2008), a experiência de condução é baseada em associações e longa aprendizagem de comportamentos automáticos que são provocados por situações que necessitam de tempo e julgamento rápidos. Portanto, as reações devem se tornar automáticas para que o condutor se torne habilidoso.

Quando se toma esta referência para definir a condução segura, a comparação entre os gêneros é polêmica porque envolve um preconceito institucionalizado em relação ao desempenho das mulheres ao volante. O senso comum sustenta que “elas” não apresentam a mesma habilidade dos homens quando estão conduzindo e em muitos casos, acusa a maioria das condutoras de ser lenta, descoordenada e excessivamente cuidadosa e indecisa – a ponto de gerar risco para os outros condutores.

Talvez esta impressão seja percebida pelos homens porque de certa forma tendem a ser mais imprudentes na direção veicular, consideram-se mais corajosos e arrojadados, o que é visto por muitos como predicados necessários para uma boa condução veicular. De fato, parecem possuir mais facilidade em determinadas manobras que envolve fatores como velocidade e domínio de percepção e espaço. As imagens de escaneamento do cérebro demonstram que o hipocampo (figura 2) é maior nas mulheres do que nos homens. Essas divergências anatômicas podem muito bem estar ligadas de alguma forma à diferença no modo como homens e mulheres se orientam. Vários estudos sugerem que os homens tendem a se orientar, estimando a distância e sua posição no espaço, enquanto as mulheres se orientam, observando pontos de referência. Esta diferença se apresenta também em camundongos. Nos testes, os machos tendiam a atravessar labirintos utilizando dados direcionais e posicionais, enquanto as fêmeas percorriam

os mesmos labirintos, usando pontos de referência disponíveis.

Um estudo realizado por Claudia Wolf do departamento de neurociência da Universidade de Ruhr em Bochum, na Alemanha, conclui que o homem assume mais riscos ao volante e tem melhor coordenação e consciência espacial. No teste, 30 homens e 30 mulheres estacionaram um Audi A6 (4,92 m de comprimento) em uma vaga paralela. As manobras foram cronometradas e classificadas com o objetivo de promover o melhor alinhamento e a distância da calçada.

A conclusão foi que as mulheres levam, em média, 20 segundos a mais do que os homens para colocar o carro na vaga. Segundo outros autores, é possível que as mulheres melhorem as aptidões espaciais se forem treinadas, embora seja verdade que existam diferenças mais acentuadas entre os gêneros. Contudo, não é irremediável. Estes pesquisadores estimam que cerca de 75% dos homens são melhores do que as mulheres neste aspecto, o que significa que um quarto da população feminina consegue superar o sexo oposto neste tipo de habilidade. Tanto, que isto poderá ser percebido em muitas arquitetas ou designers de moda que têm a percepção espacial muito bem desenvolvida.

De acordo com outro estudo encomendado por uma rede de estacionamentos britânica, publicado recentemente pela *Reuters*, os pesquisadores observaram durante um mês cerca de 2,5 mil motoristas em 700 estacionamentos da Grã-Bretanha. O resultado apresentado afirma que as mulheres, mesmo que levem mais tempo para manobrar, conseguem deixar o veículo mais bem estacionado. A causa apontada é que a impaciência faz com que os homens acabem perdendo as melhores vagas. Passam muito rápido pelos estacionamentos e na hora de centralizar o carro na vaga, 53% das mulheres conseguem fazer isso com mais precisão contra 25% dos homens.

### Diferenças no trânsito e transgressão

Segundo a FenaSeg (Federação das Seguradoras), as mulheres em geral, se envolvem mais em pequenas colisões, porém sem tanta gravidade. Por isto, algumas seguradoras possuem plano específico para a clientela feminina, ao contrário dos homens, que geralmente pagam de 10% a 30% a mais nos seguros automotivos. No registro de infrações, elas também provam ser mais prudentes: os condutores cometeram em média oito vezes mais infrações ao volante que elas. As mulheres foram responsáveis por 548,5 mil infrações de um total de 4,8 milhões registradas

de 2001 a 2010. Dados do Detran do Paraná comprovam que a maioria das multas registradas no estado é cometida por motoristas do sexo masculino. Outras estatísticas do Detran-RS comprovam que elas se envolvem menos em acidentes fatais. Somente 9% das mulheres envolvidas em acidentes fatais estavam conduzindo no momento do acidente. De cada 100 condutores que morrem no trânsito em 2010, apenas 3 eram mulheres. Em 67,5% dos casos, elas estavam presentes como passageiras e em 18% dos casos como pedestres. Em 2011, as mulheres foram mais atentas às regras de circulação também em Pernambuco, sendo responsáveis por 22,86% do total de infrações. Inclusive, no Estado também são menos penalizadas com suspensão do direito de dirigir, representando 11,07% do total de 3.999 motoristas penalizados.

Segundo alguns psicólogos, os meninos começam a prática da transgressão muito cedo ao apresentarem comportamentos de desafio à autoridade. Ainda na escola, isto fica evidente quando geralmente a professora chama para retornar à sala de aula, e as meninas entram logo. Os meninos continuam correndo até a professora chamar de novo e depois novamente até eles obedecerem, porque os meninos não controlam a inibição, eles simplesmente obedecem (ELIOT, 2009). O *poder social* diz respeito à capacidade de controlar o comportamento dos indivíduos, já a *autoridade* é a capacidade de exercer esse poder, recorrendo à legitimidade de determinada posição, vantagem ou poder. A incidência da transgressão parece ser muito mais evidente no sexo masculino. Uma pesquisa do Centro Psicobiológico de Pittsburgh fez uma aferição dos níveis de cortisol<sup>4</sup> no sangue de um grupo de crianças na faixa etária de 7 e 16 anos, e foi verificado que “eles” tendem a se estressar muito mais do que “elas” com a imposição da autoridade.

Os homens estão acabando com o trânsito e a sociedade. Segundo Zimbardo, “Eles estão abandonando os estudos, preferem a companhia de outros homens, não conseguem manter relacionamentos estáveis e vivem em mundos alternativos, como os videogames e os filmes pornô”. De fato, quando chega aos 21 anos, o jovem médio já passou 10 mil horas de sua vida, jogando videogame de acordo com um estudo feito pela especialista Jane McGonigal. Em 2011, em seu livro *Reality is Broken* usa a pesquisa atual a partir da psicologia positiva para argumentar que os jogos contribuem poderosamente para a saúde humana, felicidade e motivação, um senso de significado e o desenvolvimento da comunidade. Poderíamos concordar com isto se os homens pudessem

somente jogar games que produzissem este tipo de dinâmica, bem diferente daquela de hoje, onde há violência, uso de armas e até comportamentos agressivos no trânsito como os jogos que envolvem perseguição e fuga em vias repletas de pedestres e em que as regras devem ser quebradas para alcançar os objetivos.

### Inteligência Feminina no Trânsito

De acordo com os especialistas de todas as áreas, a transformação da mulher vem transformando o mundo também, o que desencadeou uma nova categoria de problemas: a crise de identidade do homem no século XXI. O problema das desigualdades reside no preconceito histórico com as mulheres e isto também se reflete no trânsito devido alguns aspectos de comportamentos já abordados nas seções anteriores. No entanto, ao analisar o trânsito atual nas grandes cidades, será fácil perceber que as habilidades e características dos homens abordadas neste artigo não estão alinhadas com as verdadeiras necessidades das vias urbanas tão complexas.

Os acidentes e os conflitos violentos no trânsito do Brasil se tornaram uma verdadeira epidemia. Para enfrentar este desafio, precisamos mudar profundamente nossos hábitos. Isto nós já sabemos. Mas será que ser “bom de volante” (como os condutores pensam, conduzindo com mais impetuosidade e rapidez) será suficiente para ter um bom desempenho no trânsito do século XXI?

As verdadeiras habilidades de nossa realidade em vias tão congestionadas, repletas de perigos e obstáculos, estão presentes no perfil feminino de comportamento. É claro que todos os estudos apresentados apontam na direção da *inteligência feminina* para um trânsito mais harmônico. Mas, esta ideia segue na contramão de muitos anos de preconceito com as condutoras, que até podem levar mais tempo para estacionar e não serem tão rápidas quanto os homens em determinadas manobras, porém são delas os predicados inatos da adaptação de nossa espécie para dominarmos o ambiente do trânsito com mais eficiência, segurança e harmonia.

<sup>4</sup> Hormônio presente na resposta de *stress*.





Figura 5: Acidente em cruzamento: condutor trafegava a mais 120 km/h em São Paulo. Fonte: G1.com Foto: Helio Torch/Futura Press.

O trânsito mudou e os paradigmas dele também. Agora se faz necessário que “elas” nos ensinem como poderemos empreender uma convivência mais cooperativa, adaptando nossos comportamentos com negociações mais saudáveis, protegendo uns aos outros como sempre fizeram. Já é hora de reconhecermos a *inteligência feminina no trânsito* que nos trará uma nova perspectiva de comportamentos adaptados e orientados para as demandas de um trânsito cada vez mais conflituoso. Inteligência que nos remete a um convívio mais humanizado, pautado no altruísmo e na tolerância onde a descortesia e o revide não prevalecem. Neste momento que a problemática do trânsito extrapola o universo das esferas da legislação, fiscalização e punição, e migra então para uma condição de negociação de seu espaço físico, inicia-se uma nova era para a educação de condutores que poderão conhecer os segredos para o triunfo da sociedade em seu ambiente com o conceito de *inteligência feminina no trânsito*.

### Competição, perfeição e stress: o triunfo da mulher ameaçado

Apesar de serem mais adaptadas às exigências do trânsito atual, diante de sua competência emocional, suas exigências e perfeccionismos e conseqüentemente o *stress* poderão comprometer a ascensão das mulheres e seu desempenho, inclusive no trânsito. Foi isto que pesquisas da Universidade de Sheffield<sup>5</sup> e da Escola de Economia de

<sup>5</sup> ROBERTS J., et al., “It’s driving her mad”: Gender differences in the effects of commuting on psychological health. *J Health Econ*, 2011.

Londres analisaram nos dados de adultos que trabalham e que foram retirados do Inquérito britânico Household Panel entre os anos 1991-2004. Os participantes responderam a questionários sobre o tempo que despendem no tráfego diário e foram avaliados quanto à sua saúde psicológica por meio do Questionário de Saúde Geral (GHQ score) que serve também para obter informações sobre o bem-estar, trabalho, saúde e os fatores socioeconômicos das famílias inglesas.

O estudo concluiu que as mulheres se estressam mais do que os homens quando o assunto é trânsito. Eles acreditam que esse nível maior de estresse esteja ligado às atividades que as mulheres têm que cumprir diariamente – trabalho, tarefas domésticas, cuidar de crianças e ainda passar horas no trânsito. Este fenômeno afeta mais ainda as mulheres com filhos em idade escolar. O estudo mostrou que o impacto psicológico do trânsito nessas mulheres é quatro vezes maior do que em homens nas mesmas situações. Outras pesquisas apontam também que as mulheres estariam mais propensas a apresentar sintomas físicos de estresse.

Não são poucos os transtornos de saúde que as mulheres poderão contrair em função do alto nível de estresse que vêm experimentando no cotidiano. Os transtornos alimentares como anorexia e bulimia são 10 vezes mais comuns em mulheres que em homens e isso pode ter algo a ver com os níveis de estresse. Assim como a depressão, que é frequentemente tratada com serotonina, impulsionando drogas antidepressivas (ROSCH 1979). Alguns outros estudos têm sugerido uma ligação do estresse e o desenvolvimento de câncer de mama e de ovário. Os pesquisadores descobriram que o risco de câncer de mama aumentou em 62% em mulheres que sofreram mais do que um evento altamente estressante ou traumático, como o divórcio ou até a morte de um cônjuge.

Mas, o que tem estressado mais as mulheres? Depois de tantos anos de preconceito e repressão, nasce uma nova mulher repleta de força para competir de igual no mundo masculino. Espaço este que conquistam a cada dia, mas que tem um alto preço para a saúde física e emocional. Precisam ser melhores do que os homens no trabalho e ganham menos do que eles, precisam cuidar de casa e da família, necessitam ainda estar sempre belas, com unhas bem feitas, bem arrumadas e magras. Ou seja, hoje há muitas exigências (talvez algumas impostas por elas), que sobrecarregam as capacidades humanas e causam estresse crônico, o que se observa em um grau considerável de mulheres economicamente ativas.

Esta necessidade de superação e aprovação da sociedade é percebida como ameaça e tem desencadeado uma série de comportamentos competitivos, agressivos e inadequados nos mais diferentes ambientes, inclusive no trânsito. Não é mais raro perceber condutoras, envolvendo-se em discussões e disputas nas vias públicas. Muitos condutores têm se queixado que “elas” geralmente não estão dando passagem nas trocas de faixas e ultrapassagens quando solicitadas. Isto pode estar refletindo uma reação de contraposição aos preconceitos e estigmas que ainda sofrem. Uma reação perante as suas frustrações de reconhecimento que a sociedade ainda nega. Para enfrentar esta série de desafios, procuram adaptar seus comportamentos de forma perigosa quando acumulam tarefas que extrapolam as suas capacidades.

Por consequência ou em função desta sobrecarga, tornam-se mais suscetíveis ao perfeccionismo, e isto faz com que se percam em muitos detalhes e tempo. Se rendem à vaidade excessiva, aumentando o nível de exigência com o corpo e a aparência. Tornam-se mais exigentes consigo, mais indecisas, preocupadas com exposições, o que pode diminuir o seu rendimento – e tendem a serem exigentes com os outros – o que pode gerar mais conflitos e frustrações com os resultados individuais ou em grupo.

Quando se perdem neste caminho torturante, tendem a criar expectativas excessivas e inadequadas das coisas e das pessoas. Isto leva os níveis de satisfação e de bem-estar ou até o sentimento de felicidade a se tornarem mais difíceis de serem experimentados, o que impacta diretamente nas suas emoções, comprometendo o seu desempenho e qualidade de vida. Se estas questões não forem bem trabalhadas pelas mulheres hoje, todas as suas vantagens e características especiais poderão perder seu *status* que sugerimos de inteligência idiossincrásica orientada para o sucesso, para os fatores preditivos de declínio do seu apogeu. Parece que a esta altura, depois de tantos desafios, o maior inimigo que poderá derrotá-las habita no seu próprio interior emocional.

## Conclusão

Nas páginas que seguiram foi evidente que em muitos aspectos, homens e mulheres são diferentes e que “elas” estão de longe em desvantagem. O fato é que não há uma superioridade de qualquer lado dos sexos. Na verdade, habilidades e características de cada gênero poderão ser complementares nas mais diversas áreas de atividades humanas. Para que possamos diminuir os espaços que ainda existem entre as mulheres, é importante amadurecer para implementarmos uma educação infantil, possibilitando a convivência entre a diversidade e repensar, desse modo, suas práticas educativas. Introduzir uma educação mais igualitária e que respeite a criança na construção de sua identidade nos fará alcançar metas de constituição de pessoas sem práticas *sexistas*.

Para tanto, deve-se incorporar práticas educativas que introduzam estratégias de socialização e igualdade de gêneros. É no trânsito que muitas cenas acontecem e envolvem os mais diversos atores sociais, portanto, uma sociedade mais justa pode e deve começar também com atitudes mais generosas e cooperativas nas interações do tráfego. A educação de trânsito agora será uma ferramenta adicional de contribuição para uma sociedade mais humana, inspirando-se no aprendizado da *inteligência feminina*, que poderá acontecer no trânsito, apesar de as lições serem para todos os momentos da vida.



## REFERÊNCIAS

BAILEY, D.; GEARY, D. Reflections on the human family. **Oxford Handbook of Evolutionary Family Psychology**. New York, 2011.

\_\_\_\_\_. Ultimate and proximate influences on human sex differences. **Behavioral and Brain Sciences**, v.32, 2009.

BLUM, Deborah. **Sex on the Brain: The Biological Differences Between Men and Women**. New York: Viking, 1997.

BUSS, D. M. Sex differences in human mate preferences: evolutionary hypotheses tested in 37 cultures. **Behavioral and Brain Sciences**, v.12, 1989.

CHAVES, Ana C. Diferenças entre os sexos na esquizofrenia. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. v.22 s.1. São Paulo, 2000.

DIAMOND, J. **The Third Chimpanzee: The Evolution and Future of the Human Animal**. Hutchinson Radius, 1991.

ELIOT, Lise. Pink Brain, Blue Brain. How small differences grow into troublesome gaps - and what we can do about it. **Boston: Houghton Mifflin Harcourt**, 2009.

FINCO, Daniela. Relações de gênero e as brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil. **Dossiê Gênero e Infância da Revista Pró-posições**, n. 42, 2003.

GOLOMBOK, S.; HINES, M.; JADVA, V. "Infants' preferences for toys, colors, and shapes: sex differences and similarities." **Arch Sex Behav**, v.39, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KIMURA, D. **Sex and Cognition**. Cambridge, MA: MIT Press, 1999.

RAMALHO, Rodrigo L. **Educação emocional no trânsito: o medo e a raiva dos condutores**. Salvador: Ideia no papel, 2011.

ROBERTS J., et al., "It's driving her mad": Gender differences in the effects of commuting on psychological health. **J Health Econ**, 2011.

ROSCH P .J. **Stress and Câncer: A Disease of Adaptation?** New York: Plenum Publishing Corporation, 1979.

SCHILT, Kristen; WISWALL, Matthew. Before and After: Gender Transitions and Workplace Experiences The B.E. **Journal of Economic Analysis & Policy**, v. 8, 2008.

SHAYWITZ, B., et al. Sex differences in the functional organisation of the brain for language. **Nature**, v.373, 1995.

SPITZ, R. A. **O primeiro ano de vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

STRADLING, S. G.; MEADOWS, M. L. Highway Code and aggressive violations in UKdrivers. **Global Web Conference on Aggressive Driving Issues at**, 2000.

WICKENS, C.; TOPLAK, M.; WIESENTHAL, D. Cognitive failures as predictors of driving errors, lapses, and violations. **Accident Analysis and Prevention**, V.40, 2008.